

Representação política feminina e conservadorismo: um estudo de caso do movimento PL mulher

Gabrielle dos Santos Marques
Universidade Federal de Minas Gerais

Nicole Brito de Sena
Universidade de Brasília

Brenda Rodrigues Barreto
Universidade de Brasília (UnB)

1 Introdução

PL Mulher – Elas escolheram fazer e isso muda tudo. E nesse contexto as mulheres têm mais do que importância, elas são imprescindíveis. O jeito de ser, o olhar humano, a defesa da família, o potencial de trabalho e a capacidade de se reinventar contribuem decisivamente com o processo de desenvolvimento que precisamos acelerar. Por isso o PL vem se esforçando para ter mais mulheres na política (Site eletrônico PL Mulher na aba “Sobre”)

1

A partir das eleições de 2018, notamos uma chegada expressiva de mulheres das direitas na política institucional (Castro, 2022). Sobre tudo nos últimos anos, trabalhos vêm sendo desenvolvidos para entender como as mulheres aderem a valores das direitas dado um contexto de mudanças no perfil das eleitas desde 2018. É neste escopo que o presente trabalho pretende compreender como mulheres de extrema-direita apresentam discursivamente a representação política feminina. Entendemos que a discussão sobre as direitas é um debate complexo, o qual evidencia uma heterogeneidade interna desse campo (Cepêda, 2018). Sendo assim, propomo-nos a debruçar sobre um tipo específico de direita: a extrema-direita. De uma maneira geral, caracterizamos a extrema-direita como uma direita que aceita as mulheres, porém rejeita o gênero (Solano; Rocha; Sendretti, 2023). Compreendemos que a extrema-direita neste trabalho se alinha com um tipo de conservadorismo em específico, o conservadorismo individualista. Nele, a competitividade capitalista é incentivada, bem como há uma crença na ideia de meritocracia (Ball; Dagger; O'Neill, 2020). Por exemplo, para mulheres de extrema-direita, a sub-representação feminina é explicada pela baixa autoestima e pela falta de inspiração das próprias mulheres (Brandão, 2022). Esse tipo de conservadorismo também se alinha ao liberalismo, uma vez que compartilham características, como a conservação da liberdade individual e a redução do Estado (Ball; Dagger; O'Neill, 2020).

Sendo assim, entendemos que a extrema-direita é uma ideologia que incorpora os valores conservadores, neste caso em específico, o conservadorismo do tipo individualista. Compreendemos as mulheres de extrema-direita, no presente trabalho, como aquelas que estão engajadas a participar politicamente, mas que combatem tudo aquilo que remete às questões de gênero, como o movimento feminista e o movimento LGBTQIAP+. Especificamente, trataremos sobre mulheres de extrema-direita

do Partido Liberal (PL). O partido tem ganhado destaque sob a liderança da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, que atualmente ocupa o cargo de presidente nacional da organização. Esse crescimento é evidenciado pela expressiva mobilização de mulheres incentivadas a se filiarem ao partido em encontros realizados em várias regiões do país desde 2023.

Diante desse contexto, a pergunta de pesquisa que norteará o texto será: *como mulheres de extrema-direita apresentam discursivamente a representação política feminina?* A metodologia empregada em nosso trabalho é a análise de enquadramento feminista a fim de compreender os sentidos da representação política para tais mulheres. É notório que mulheres, não só da extrema-direita, mas das direitas em geral, estão disputando diversos conceitos que são oriundos do movimento feminista, como o de representação política. Entender tais mulheres a partir de outra perspectiva, não só apenas como “antifeministas”, e que, portanto, rejeitam tudo aquilo que oriunda de tal movimento, é uma forma de entendê-las a partir dos conflitos políticos em torno do gênero.

O PL tem intensificado seus investimentos em encontros e atividades, visando fortalecer sua estrutura organizacional e ampliar sua influência política. Essa estratégia reflete um esforço claro para integrar e fidelizar seus membros, criando laços mais fortes em suas iniciativas de recrutamento, especialmente direcionadas ao público feminino. De acordo com dados do sistema Datavence (2024) e amplamente divulgados pelo partido, o PL Mulher mobilizou mais de 364 mil novas filiadas desde o início desses encontros (PARTIDO LIBERAL – PL MULHER, 2024).

2 Análise de enquadramento feminista

2

O corpus de pesquisa foi composto pelos vídeos dos encontros regionais do movimento PL Mulher, disponibilizados no canal oficial do partido no YouTube¹ até 20 de março de 2024. Para garantir a representatividade das cinco regiões do país, selecionamos o vídeo com maior número de visualizações em cada uma delas. Assim, as unidades da federação analisadas foram: Bahia (11 mil visualizações), Rio de Janeiro (5,3 mil), Distrito Federal (4.040), Pará (2,9 mil) e Santa Catarina (4,8 mil). Ao todo, foram examinados cinco vídeos, que somavam aproximadamente 28 mil visualizações no momento da coleta.

Apesar de serem gravações de eventos presenciais, o fato de estarem disponíveis no YouTube possibilita que estes sejam vistos por mais pessoas posteriormente de diversas localidades do país. Ao todo, os vídeos acumulavam 62.800 visualizações no momento da coleta. Este número não é tão expressivo em comparação aos demais vídeos do canal e pode indicar que o órgão de mulheres do partido ainda não desperta tanta atenção de seus filiados. Sampaio et al. (2021) aponta como o YouTube cada vez mais tem sido utilizado como um veículo de informação e de disseminação de conteúdo político. No Brasil, tal plataforma é a rede digital em que as pessoas passam mais tempo utilizando, além de ter sido, em 2018, a mais usada para vídeos no país (Sampaio et al., 2021). Mesmo antes da ascensão das redes sociais, Maia (2004), através do conceito “videopolítica”, destaca a importância dos vídeos para a comunicação política nas sociedades ocidentais. Outro fator de destaque ressaltado por Martins et al. (2021) é como o YouTube é uma fonte importante para investigações interessadas no discurso conservador.

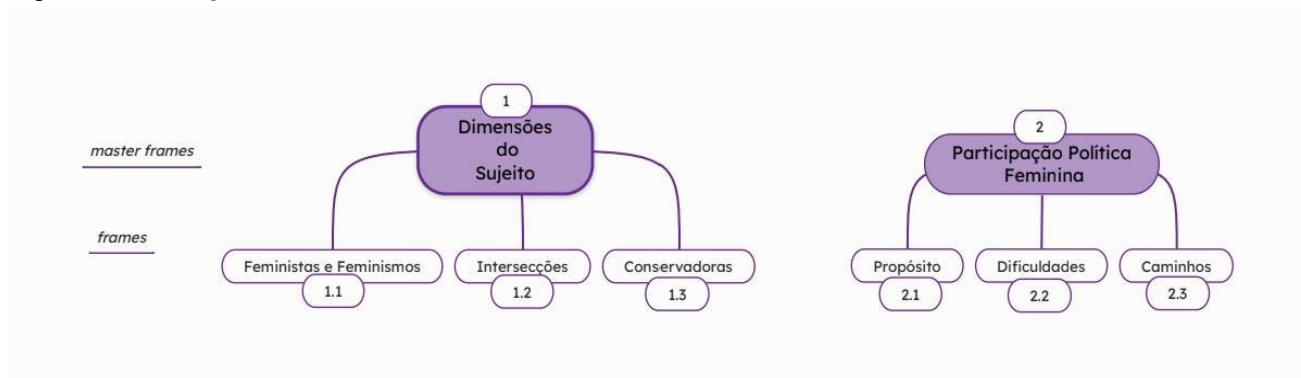
¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/@PartidoLiberal22>>.

A fim de compreender os sentidos que mulheres de extrema-direita conferem à representação política feminina nestes vídeos, realizamos uma análise de enquadramento de viés feminista, inspirada nas definições metodológicas propostas por Sarmento (2019). Quadros são molduras de sentido ou pacotes interpretativos que respondem à questão: o que está acontecendo aqui? (Goffman, 1987). *Frames* são um conjunto de princípios de organização que governam acontecimentos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles. Eles permitem a definição da situação pelos sujeitos (Mendonça; Simões, 2012). Assim, a análise de enquadramento investiga como os *frames* são produzidos e mobilizados e como eles interagem com outros *frames* (Mendonça; Simões, 2022). Dessa forma, apresenta-se como um auxílio na investigação discursiva das mudanças e das disputas pelos discursos presentes na sociedade. Mendonça e Simões (2012) identificam três possibilidades de operacionalização do conceito², sendo que a adotada neste estudo se aproxima daquela que os autores definem como “análise de conteúdo discursivo”. Nosso interesse é investigar como o discurso sobre representação política, formulado por atrizes de extrema-direita, cria molduras de sentido que disputam o campo com as perspectivas defendidas pelos movimentos feministas sobre o tema.

O viés feminista do método utilizado baseia-se na compreensão de que os meios de comunicação são fundamentais para entender as desigualdades de gênero nas sociedades ocidentais. Mais do que uma crítica feminista à mídia, ele oferece um diagnóstico sobre como os pressupostos centrais dos feminismos são nela representados (Sarmento, 2019). Embora a metodologia de Sarmento (2019) tenha sido elaborada para a análise da cobertura midiática de temas e movimentos feministas, adaptamos seus procedimentos para investigar o discurso da extrema-direita sobre representação política. Na formulação original, a autora define quatro passos metodológicos a partir da identificação de dois *masters frames feministas*: dimensões do sujeito; e dimensões do público e do privado. Esses enquadramentos são definidos de maneira dedutiva a partir dos prognósticos centrais para as teorias feministas, ou seja, parte da teoria para a elaboração das categorias. Para os fins de nossa investigação, optamos por manter o *master frame* das dimensões do sujeito, mas consideramos mais adequado acrescentar um *master frame* focado em representação política, em vez de nas dimensões público e privado.

Assim, optamos por dois *masters frames*: **representação política feminina e dimensões do sujeito**. Esses *master frames* são complementados por outros *frames* que ajudam a entender os quadros de sentido mobilizados pelas mulheres do PL. No que se refere ao *master frame* das dimensões do sujeito, ele é complementado por *frames* que analisam como os feminismos são retratados, como as atrizes do PL se autodefinem como conservadoras e as possíveis intersecções ao abordar “problemas das mulheres”, ou seja, quando tratam das mulheres de forma geral, sem atribuição de valor específico. De forma geral, como exploraremos a seguir, as teorias sobre representação política feminina identificam um problema — a sub-representação das mulheres em espaços políticos institucionais —, justificam a importância de sua presença nesses espaços e propõem caminhos para uma representação mais equitativa. Com isso, esses três aspectos — propósito, dificuldades e caminhos — compõem os *frames* adicionais ligados ao *master frame* da representação política.

² As outras duas possibilidades de aplicação da análise de enquadramento segundo Mendonça e Simões (2012) são os estudos que enfocam e analisam a situação comunicativa e a análise da adoção estratégica de discursos ou *frame effects*.

Figura 1 - Definição dos *master frames* e *frames* feministas

Fonte: Elaboração própria (2024)

Após definidos os quadros, seguimos os quatro procedimentos metodológicos propostos por Sarmiento (2019) para a análise de cobertura midiática, adaptados aos nossos objetivos. Assim, as etapas seguintes são: 1) escolher a temática; 2) identificar como as atrizes identificam as feministas ou o feminismo; 3) identificar como definem a si mesmas; e 4) analisar os significados sobre representação política. Os vídeos foram baixados através do aplicativo *4K Video Downloader*, transcritos pelo aplicativo *PinPoint* e depois foram codificados pelas autoras tendo como base a definição apresentada na Figura 1.

3 A representação política de mulheres conservadoras e de extrema-direita

Como discutimos anteriormente, as análises sobre a atuação política de mulheres conservadoras e de extrema-direita adicionam novas camadas de discussão no debate sobre a representação política das mulheres (Celis; Childs, 2012), a organização intrapartidária, a competição e a estratégia eleitoral (Campbell; Childs, 2015). Autoras apontam como há uma tendência destes estudos focarem em mulheres à esquerda do espectro político, negligenciando a atuação de mulheres de direita (Beall; Barnes, 2020; Campbell; Childs, 2015; Celis; Childs, 2012). Wineiger e Nugent (2020) salientam como as mulheres de direita também estão sub-representadas em seus partidos.

Nesse sentido, Beall e Barnes (2020) defendem que as mulheres de direita possuem pautas diferentes dos homens de direita e das mulheres de esquerda, já que suas preferências políticas são moldadas pelo gênero e pela ideologia, devendo ser justamente representadas. Para Celis e Childs (2012), a análise sobre a atuação das mulheres conservadoras coloca um entrave na ideia de que a representação substantiva de mulheres ocorre quando são defendidas demandas que atendam aos interesses feministas. As autoras defendem que um foco exclusivo em atores e políticas feministas cria um ponto cego e um viés nas pesquisas e também limita a compreensão teórica da representação substantiva de mulheres e do que constitui a “boa” representação.

Por conseguinte, defendem o argumento que uma boa representação substantiva de gênero não pode ser medida apenas a partir da lente feminista, porque as mulheres não são um grupo homogêneo o qual os interesses estão defendidos dentro das agendas feministas, ou um grupo engajado em tornar a sociedade um lugar melhor (Álvares, 2019). Para Celis e Childs (2012), o que

garante uma boa representação são as diferentes visões, concorrentes e consensuais, sobre o que são as mulheres e quais seus interesses e necessidades. Assim, a atuação política das mulheres conservadoras deve ser estudada com a devida atenção e respeito, evitando noções de que elas teriam uma falsa consciência (Celis; Childs; 2012).

Além disso, em um esforço analítico sobre campo de pesquisa, as autoras identificam duas abordagens principais para os estudos da representação política de mulheres de direita: 1) julgá-las com base em critérios feministas; e 2) considerar reivindicações e ações representativas conservadoras como parte de uma economia de reivindicações representativas de gênero. A primeira é marcada por um viés de esquerda que deve ser explicitado, assim como a adoção de critérios claros sobre quais princípios feministas norteiam a pesquisa. Já a segunda abordagem considera as reivindicações conservadoras em pé de igualdade com as reivindicações feministas em uma economia de reivindicações das mulheres. Parte-se do entendimento que todas as pretensões de se agir para as mulheres são conscientes de gênero, ainda que diferentes. Assim, mesmo atos que podem ser prejudiciais às mulheres, devem ser considerados dentro dessa economia. Isso não significa que elas tenham o mesmo “valor”, mas possibilita que elas sejam minimamente comparáveis, já que para julgar uma demanda é preciso primeiro reconhecê-la (Celis; Childs; 2012).

Diante disso, consideramos importante situar nosso posicionamento enquanto pesquisadoras. Nosso objetivo é analisar como o PL Mulher enquadra o tema da representação política a partir de um ponto de vista crítico feminista. Compreendemos que a pluralidade de visões sobre o mundo faz parte do jogo democrático, mas nossas lentes teóricas estão preocupadas com a redução da desigualdade de gênero e sua interlocução com demais formas de subjeção. Assim, entendemos que pautas clássicas dos movimentos feministas têm sido apropriadas por setores conservadores da sociedade que esvaziam seu sentido crítico e emancipatório (Sarmiento et al., 2023) ao propor soluções antigênero e neoliberais, que apagam as estruturas mais amplas de opressão (Brandão, 2022).

Apesar da intensificação contemporânea do ativismo de extrema-direita, a participação de mulheres em movimentos e partidos conservadores não é algo inédito. Pesquisas identificam como as mulheres foram atrizes centrais na reorganização do Partido Conservador Britânico entre 2005 e 2010, por exemplo (Campbell; Childs, 2015; Wineinger; Nugent, 2020). A aproximação do eleitorado feminino aos partidos de esquerda não teria passado despercebido pelas elites partidárias de direita, que identificavam que não era possível ignorar o peso do voto das mulheres, sendo preciso mudar a cara do Partido Conservador de “velhos homens brancos grisalhos”. O mesmo teria acontecido com o Partido Republicano estadunidense (Weininger; Nugent, 2020). É interessante notar que os dois partidos criaram programas de incentivo à participação feminina: o Projeto Women2Win (Partido Conservador) e o Projeto Grow (Partido Republicano) ainda no começo dos anos 2000.

Em entrevistas com as elites partidárias e as mulheres que encabeçavam esses programas, Wineinger e Nugent (2020) identificaram como os partidos passaram a vê-las como estratégicas para combater a retórica de que seriam contrários aos problemas das mulheres. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que negavam promover uma política de grupo, defendiam um aumento da representação de mulheres, desde que elas não conflitassem com as ideologias do partido. Já os principais argumentos usados pelas mulheres para conquistar espaço entre as elites partidárias eram a associação da sub-representação a um problema eleitoral que culminou em fracassos eleitorais passados e possíveis no

futuro, destacando a capacidade do partido em atrair e ganhar eleitores e apresentando um quadro pragmático de um problema que precisava ser resolvido.

Em um contexto mais contemporâneo, a atuação estratégica das mulheres continua sendo importante para a organização partidária de partidos de extrema-direita (Biroli, 2021; Solano; Rocha; Sendretti, 2023; Álvares, 2019). Na Europa, vemos a ascensão do que tem sido identificado como “femonacionalismo”, representado por líderes como Marine Le Pen, Anne Marie Waters e Alice Weidel. O conceito remete a uma retórica que mescla um discurso anti-imigrante e misógino, no qual uma política discriminatória, que, mais do que explicitamente racista, é, sobretudo, anti-islâmica e legitimada em nome da defesa dos direitos das mulheres (Álvares, 2019).

No Brasil, a atuação das mulheres em movimentos e partidos de extrema-direita também é fundamental para a compreensão dos fenômenos correntes (Biroli, 2021; Solano; Rocha; Sendretti, 2023; De Mendonça; Moura, 2021). As eleições de 2018 marcaram uma importante transformação da representação política feminina brasileira, uma vez que foi a primeira vez, na série histórica, que as mulheres se elegeram mais por partidos de direita do que por partidos de esquerda, como era o tradicional (Babireski et al., 2020). Além disso, as eleições também foram marcadas por um forte debate em torno do gênero, seja por meio da rejeição de grande parte do eleitorado feminino ao candidato Jair Bolsonaro (PSL), organizada através do movimento #EleNão, seja nos debates em torno da chamada “ideologia de gênero”, que perseguiam os movimentos feministas e LGBTQIA +, encabeçada por atores e atrizes conservadores. Em resumo, apesar de serem antigênero e antifeminismo, os movimentos de extrema-direita não são antimulheres (Biroli, 2021), “elas são bem-vindas, mas o gênero não” (Solano; Rocha; Sendretti, 2023, p. 3). Ademais, a presença de membros do sexo feminino é importante para blindar os partidos das críticas sobre seu caráter misógino, cumprem um papel de sustentação ideológica e mostram grande capacidade de mobilização nas redes sociais (De Mendonça; Moura, 2021).

De maneira geral, as mulheres pertencentes a partidos de direita se destacam por serem cristãs, jovens, com educação superior, militantes em organizações não governamentais ligadas à igreja e/ou movimentos pró-vida (De Mendonça; Moura, 2021), mas não representam um grupo homogêneo. Babireski et al. (2020) identificaram três perfis entre as deputadas eleitas por partidos de direita em 2018: tradicional (herdeiras de grupos políticos tradicionais, filiadas a partidos mais antigos, com participação em grande número de comissões); as ativistas religiosas (associadas a igrejas, mais presentes no PSL, centradas em comissões permanentes de impacto) e novas formas de ativismo (provenientes de movimentos anticorrupção e envolvidas com discussões de grupos da nova direita, muito próximas ao PSL e lideranças de bancadas partidárias e subpartidárias).

Também, a fim de compreender a atuação delas e o que possibilitou seu fortalecimento e sua emergência, Solano, Rocha e Sendretti (2023) salientam a massificação de uma cultura pós-feminista e a emergência do feminismo neoliberal e popularizado. Juntos possibilitaram um novo tipo de atuação feminina de extrema-direita baseada na valorização de padrões morais tradicionais, na noção de empoderamento e exaltação moral das mulheres a partir de uma estrutura binária.

Outro aspecto interessante das pesquisas sobre a atuação política das mulheres de direita no Brasil está na investigação de como elas ressignificam diversos temas centrais para as agendas feministas. Como mencionado anteriormente, as líderes políticas de extrema-direita são estratégicas

em responder às demandas dos movimentos feministas dentro da lógica partidária conservadora e neoliberal. De Mendonça e Moura (2021), por exemplo, analisam como as deputadas eleitas pelo PSL em 2018 mobilizam a noção de empoderamento em seus discursos. O tema do empoderamento também é objeto de investigação da pesquisa de Solano, Rocha e Sendretti (2023), mas entre as eleitoras de partidos de direita. Os resultados encontrados entre as duas pesquisas convergem na crítica de como o empoderamento é visto como uma solução para os problemas relacionados à desigualdade de gênero em uma ótica meritocrática e neoliberal. Basta que as mulheres se empoderem, se esforcem e corram atrás de seus objetivos para alcançá-los.

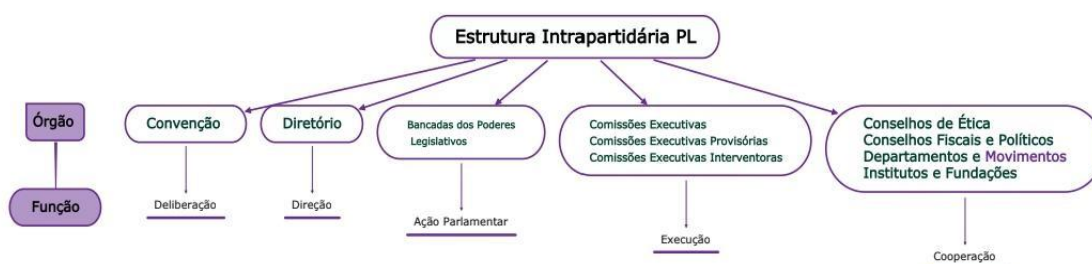
Já Brandão (2022) se debruça sobre os sentidos do que é ser mulher nos discursos de Janaína Paschoal, Joice Hasselmann e Soraya Thronicke (eleitas como deputadas federais pelo PSL em 2018). Em síntese, elas apresentavam discursos que geravam uma oposição entre ser feminina e feminista. Ao analisar a construção das imagens de Bia Kicis, Carla Zambelli e também Joice Hasselmann – mais uma vez, todas eleitas à deputada federal pelo PSL em 2018 –, Martins et al. (2021) igualmente identificaram uma falsa antítese entre ser feminina e feminista. Essa construção discursiva foi importante para que elas fossem legitimadas enquanto alternativas no campo eleitoral conservador.

Nosso trabalho se une a esses esforços. Sarmento et al. (2023) encontraram que o tema mais recorrente na comunicação digital das deputadas eleitas por partidos de direita, em 2018, foi a representação política, seguido de conteúdos sobre família e violência. Assim, buscamos contribuir para o campo identificando os principais enquadramentos usados pelas líderes do PL Mulher para justificar a importância de uma maior participação feminina na política e para resolver o desafio de justificar políticas voltadas às mulheres em um partido que rejeita o movimento feminista e a perspectiva de gênero.

4 O lugar em que o PL Mulher ocupa na organização intrapartidária: regras sobre seu financiamento e investimentos

Diversos estudos destacam a importância da organização intrapartidária para o sucesso eleitoral (Rezende; Barreto, 2018). No caso específico do PL Mulher, a estrutura partidária prevê a seguinte divisão e suas respectivas funções conforme estabelecidas na figura abaixo:

Figura 2 - Estrutura intrapartidária PL



Fonte: Elaboração própria (2024) com dados do Estatuto PL

Conforme o Estatuto, o PL Mulher é classificado como um órgão de cooperação, operando como um departamento ou movimento do Partido Liberal. Esse órgão é instituído com base no art. 44, inciso V, da Lei 9.096/95 e está sob a coordenação da Comissão Executiva Nacional. O documento regulamentar também exige que os movimentos estaduais submetam seus projetos e programas à avaliação e aprovação da Comissão Executiva Nacional, conforme o art. 34, § 2º.

Outro aspecto relevante é a ausência de autonomia financeira do órgão. Segundo o § 3º, com base no art. 44, inciso V, da Lei 9.096/95, destina-se 5% do fundo partidário para a manutenção de programas que promovam e incentivem a participação política feminina, embora esses recursos sejam geridos pela Comissão Executiva Nacional. O § 4º reforça que o Movimento PL Mulher, nas esferas estaduais, também não possui autonomia financeira ou administrativa, exigindo que todas as iniciativas, projetos ou propostas sejam submetidos à Comissão Executiva Nacional, que pode delegar a execução dessas atividades às Comissões Executivas Estaduais.

Quanto aos critérios de investimento, o partido não os especifica detalhadamente. No art. 34, parágrafo único, menciona-se que a Comissão Executiva Nacional tem a prerrogativa exclusiva de realizar investimentos de interesse nacional nos órgãos estaduais e distritais. Esse aspecto alinha-se com as observações de Guarnieri (2015), que argumenta sobre a relação entre a transparência das regras de estruturação partidária e a confiança pública nas organizações. O autor destaca que o funcionamento interno dos partidos tende a ser uma “caixa preta” e que a falta de clareza nas regras pode dificultar a aproximação das pessoas com as agremiações, enfraquecendo a confiança e a percepção democrática.

Dessa forma, o PL Mulher, subordinado à estrutura do Partido Liberal, enfrenta desafios consideráveis devido à ausência de autonomia financeira, conforme estipulado pelo Estatuto do partido no art. 44, inciso V, da Lei 9.096/95. Essa limitação financeira resulta em uma dependência direta das decisões da Comissão Executiva Nacional, restringindo a capacidade do movimento de administrar seus próprios recursos e definir autonomamente suas prioridades e estratégias.

Além disso, a centralização dos recursos tende a inibir a atuação do movimento, já que a alocação de verbas e a execução de projetos dependem da aprovação da Comissão Executiva Nacional. Em síntese, a ausência de autonomia financeira do PL Mulher configura uma questão complexa que merece atenção, pois impacta diretamente a eficiência, a dinâmica organizacional e a capacidade de execução de suas estratégias e objetivos, especialmente em seus órgãos subnacionais. Rezende, Sarmiento e Tavares (2020) apontam para um cenário semelhante, observando que os órgãos femininos enfrentam limitações significativas, com uma atuação predominantemente retórica.

Tendo em vista o cenário apresentado, entender a composição atual do órgão nacional é importante para compreender como o PL Mulher é mobilizado pelo partido, uma vez que é importante compor as comissões executivas em cargos de poder de interlocução, presumindo-se que isso proporcionará acesso a recursos³. Atualmente, a comissão executiva nacional do PL é composta por 13,04% de mulheres e 86,96% de homens. No entanto, apenas duas mulheres ocupam cargos com maior poder de controle — Presidente do Conselho Fiscal e Primeiro Secretário —, que integram o

³ Sejam eles de capital político, financeiros, tempo, recursos humanos, materiais e entre outros.

chamado "núcleo duro" da direção partidária, conforme a definição de De Pinho (2016), que inclui presidência, vice-presidências, secretaria e tesouraria.

5 A representação de mulheres nos encontros estaduais do PL Mulher

A contextualização é um passo importante para as análises de enquadramento. Assim, é primordial situar a conjuntura que perpassa os encontros para compreender a dinâmica destes. Em todos os eventos, que aconteceram nas capitais brasileiras, Michelle Bolsonaro é quem concentra a maior parte das falas e seu discurso segue um roteiro comum em todos os estados. A ex-primeira-dama divide o palco com outras lideranças femininas do partido, que foram empossadas nesse evento, ou que já estavam em atuação. Em cada estado, algumas lideranças locais são convidadas a falar e relatar suas experiências pessoais na vida pública. Além de Michelle, outras duas presenças são constantes: Amália Barros, até então vice-presidente do PL Mulher, e Jair Messias Bolsonaro. Este possuiu uma fala breve, em que ressalta a importância da mulher na política, e que foi bem recebida e aguardada pelas ouvintes, em todos os encontros analisados.

A dinâmica de apresentação do ex-presidente também é notável. Em todos os eventos, é anunciado que o "capitão" já está por aí e em breve irá participar. Enquanto isso, Michelle Bolsonaro está no palco discutindo as motivações para as mulheres entrarem na política e os desafios que elas enfrentam. Entretanto, é dito que Bolsonaro se encontra em outro local com as lideranças masculinas locais. Essa divisão espacial revela aspectos sobre a prática política via instituições informais. Durante esses momentos, as lideranças masculinas do partido estão, provavelmente, tomando decisões cruciais, enquanto as mulheres recebem discursos sobre dom, cuidado e papéis tradicionais, como demonstraremos a seguir.

Nós queremos muitas lideranças, estamos trabalhando para isso. Dizer para vocês que eu sou uma mulher comum, assim como muitas, que ama cuidar do Galego dos olhos azuis. Que ama cuidar das filhas, dos meus cães, que gosta de cozinhar, que levanta cedo para fazer ginástica, que limpa a casa quando precisa. Gente, eu sou mulher como você (Michele Bolsonaro, Encontro Nacional PL Mulher Bahia).

Para participar do evento, era necessário realizar uma inscrição no site oficial do partido. Ao acessar o site, as participantes encontraram uma seção dedicada à história do órgão, com informações detalhadas sobre sua trajetória. Um fator que nos chama atenção neste tópico do site é a escolha de palavras utilizadas para descrever a importância e a necessidade de participação das mulheres na política partidária. O uso de expressões como "potencial de trabalhar", em vez de uma referência explícita à capacidade das mulheres, permite que o texto do PL seja interpretado de forma ambígua. A palavra "potencial" sugere que, embora as mulheres tenham habilidade para contribuir de forma significativa no trabalho e na sociedade, essa capacidade talvez não esteja sendo plenamente reconhecida ou aproveitada no momento.

Assim, optar por "potencial" ao invés de afirmar diretamente a "capacidade" pode, implicitamente, minimizar a atual contribuição das mulheres, sugerindo que elas ainda precisam provar seu valor ou que são valorizadas principalmente por suas possibilidades futuras, e não por suas realizações e competências presentes. Essa escolha linguística pode perpetuar uma narrativa em que

as mulheres são vistas como menos capazes ou eficientes no presente, posicionando-as como figuras de aspiração em vez de ação.

Além disso, gostaríamos de destacar um aspecto do regramento contido na ficha de inscrição para participação do evento.

Nos termos da Lei nº 12.965, de 23 abril de 2014 e Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018, manifesto-me de forma livre, informada e inequívoca e consinto com o armazenamento pelo Partido Liberal (CNPJ nº 08.517.423/0001-95) dos dados pessoais aqui informados, que serão utilizados para identificação e como canal de comunicação, via celular ou e-mail, bem como autorizo o tratamento desses dados para fins estatísticos. **O Partido Liberal fica autorizado ainda a compartilhar os dados pessoais do Titular com o diretório estadual e membros da executiva atual do partido (CNPJ nº 08.725.096/0001-67), caso seja necessário para as finalidades listadas neste termo, observados os princípios e as garantias estabelecidas nas citadas legislações.** Ao final, o tratamento dos dados perdurará até que haja expressa determinação do titular pela sua eliminação (Ficha de inscrição do evento disponível no site do PL Mulher, grifos nossos).

Os termos mencionados anteriormente não são suficientemente claros, especialmente no que diz respeito às leis de tratamento de dados. Ao abordar a autorização de uso de dados pelo diretório estadual, a finalidade desse uso não é explicitada⁴. No entanto, paralelamente aos encontros, o PL Mulher divulgou que houve um aumento expressivo de 370% no número de filiadas em 2023. Mais de 22,5 mil mulheres se filiaram ao Partido Liberal, elevando o total para mais de 364 mil filiadas, segundo dados do sistema Datavence. Com esses pontos estabelecidos, avançaremos agora para as análises dos vídeos a partir dos quadros definidos.

10

6 Masterframe dimensões do sujeito

Enquadramento conservadoras

Vocês mulheres, mulheres de bem, mulheres que têm chamado, mulheres que têm propósito. Que vocês sejam eleitas para mudar a história da nossa nação! E eu creio nessa renovação porque eu sei que as mulheres de direita que são lindas, perfumadas, cheirosas (Michelle Bolsonaro, Encontro Nacional PL Mulher Pará).

Ao reivindicarem um lugar de destaque para as mulheres na política, as dirigentes do Partido Liberal (PL) se identificam fortemente como conservadoras. Elas argumentam que, justamente por serem conservadoras, são especialmente capazes de cuidar do país e de renovar a nação, movidas pelo amor e pelo dom divino. Michelle frequentemente destaca que as mulheres de direita possuem um propósito dado por Deus para transformar a política brasileira. Ela enfatiza que as mulheres conservadoras têm um "potencial diferenciado" para contribuir com o processo político, o que é visto como um chamado divino para proteger e valorizar a família e a sociedade.

Como diz aqui na Bahia: nós precisamos macetar. Mas é macetar a legalização do aborto, macetar a legalização das drogas, nós vamos macetar essa ideologia de gênero do mal. Vamos macetar tudo aquilo que o inimigo e essa extrema esquerda maldita, que são usadas

⁴ Tentamos contato para compreender quais são tais finalidades, mas sem retorno até a conclusão.

para o mal, querem implantar na nossa sociedade. Nós não aceitamos, nós não. Aceitamos mulheres. Nós sabemos quem nós somos, nós somos mulheres preciosas. Nós somos mulheres que Deus concedeu o maior dom, que foi o dom de gerar. E junto com esse dom de gerar, o Senhor nos acrescentou intuição e fé (Michelle Bolsonaro, Encontro Nacional PL Mulher Bahia).

O apelo religioso de matriz neopentecostal é constante. Frequentemente, elas utilizam personagens femininas da Bíblia para justificar e endossar seus discursos sobre o papel das mulheres na política. Ao citar figuras como Ester, Débora e Maria, tais mulheres estabelecem um paralelo entre as qualidades dessas personagens e as características que consideram essenciais para as mulheres na política contemporânea. A presidente do partido recorre frequentemente a essas personagens para inspirar e motivar outras mulheres. Em seus discursos, ela ressalta a força e a fé de Ester, a liderança de Débora e a obediência e missão divina de Maria. Ainda segundo Michelle, elas são exemplos de como as mulheres podem exercer uma influência positiva e significativa na sociedade e na política.

Ela afirma:

Como eu sempre falo, desde a Bíblia, grandes mulheres têm influenciado. Ester foi uma mulher de força e fé, Débora foi uma grande líder, e nós tivemos Maria. Oh Maria, Maria que obedeceu o seu chamado, que entendeu o seu chamado de trazer o nosso salvador. Quantas mulheres maravilhosas desde a Bíblia têm nos influenciado. Quem é a mulher que influencia você hoje? Quem é a mulher que te inspira a levantar, a arregaçar as mangas e trabalhar? (Michelle Bolsonaro, Encontro PL Mulher).

11

Essa estratégia de utilizar figuras bíblicas não apenas reforça a identidade conservadora e religiosa do PL Mulher, mas também cria uma conexão emocional e espiritual com seu público. Ao invocar essas personagens, as líderes buscam legitimar seu papel na política como um cumprimento de um chamado divino, argumentando que sua participação é guiada por valores e princípios sagrados caros ao público evangélico.

Enquadramento feministas e feminismos

Nós estamos incomodando porque a nossa política é feminina, não é feminista. A gente não precisa gritar. A gente não precisa queimar sutiã, a gente não precisa menosprezar a figura masculina, nós amamos os nossos maridos, nós valorizamos os nossos maridos. Nós estamos aqui para apoiá-los (Michelle Bolsonaro, Encontro PL Mulher Bahia).

O enquadramento feminista e feminismos revela como as mulheres do PL Mulher retratam os feminismos. Em suas falas, é constante a ênfase de que os homens são parceiros e não inimigos; destacando que não almejam tomar o lugar dos homens. Ressaltam também que são femininas e não feministas, posicionando o movimento feminista como intolerante e rotulador. O objetivo delas é trazer uma nova perspectiva sobre o que é ser mulher na política, para além do que o movimento feminista quer mostrar.

Uma das formas pelas quais apresentam isso passa pela discussão sobre a representação política feminina na Assembleia Legislativa, em que questões sobre o papel único que as mulheres desempenham em certos embates políticos é mobilizado. De acordo com a deputada estadual de Santa

Catarina, Ana Campagnollo, alguns debates dentro da Assembleia só podem ser conduzidos por mulheres, pois quando homens tentam abordar esses temas, são frequentemente acusados de machismo e misoginia (Campagnollo, Encontro PL Mulher Santa Catarina). Sendo assim, reivindicam um tipo específico de representação: aquela que se afaste do feminismo e dos pressupostos da esquerda.

Essas declarações revelam uma tendência característica do PL Mulher, em que a representação feminina é incentivada em um contexto conservador que rejeita o feminismo e reforça estereótipos morais sobre o que é ser feminina, associados a “dons naturais” de cuidado, família e domesticidade. Esses aspectos são centrais na construção de sua identidade e se alinham fortemente com seu posicionamento declarado como conservador, promovendo uma visão de papel feminino que valoriza qualidades vistas como intrinsecamente ligadas à esfera doméstica e ao apoio familiar. Essa abordagem não apenas distancia o movimento do feminismo, mas também molda uma narrativa de gênero que prioriza papéis tradicionais, sustentando ideais de feminilidade alinhados às diretrizes ideológicas do partido.

Enquadramento intersecções

Não é fácil ser mulher na política, somos cobradas o tempo todo por outros papéis sociais. Temos as nossas capacidades colocadas à prova, a figura do ser sensível e terno ainda prevalece sobre a nossa coragem e autonomia. Justamente por isso é fundamental ocuparmos esse espaço e participarmos ativamente das discussões políticas para que possamos construir uma sociedade que abrace de fato essa potência que é ser mulher (Roberta do Povão, Encontro Nacional PL Mulher Bahia). Então minhas amigas, a mulher que sai candidata já é uma grande heroína. E para abraçar uma missão tão nobre e grandiosa como essa, ela precisa, sim, do nosso apoio. E aí, nessa estrada, cada uma vai encontrar sua forma de fazer política e é sobre isso que eu quero falar agora. **Muita gente questiona o jeito da mulher fazer política, o que não acontece com os homens não é verdade?** (Roberta do Povão - Encontro Nacional PL Mulher Bahia)

As experiências de mulheres na política, independentemente de sua orientação ideológica, refletem desafios únicos associados a papéis sociais que muitas vezes as restringem ou limitam sua atuação. Apesar das divergências ideológicas, há pontos comuns entre mulheres de diferentes espectros políticos. Desafios como a violência política de gênero, a tripla jornada de trabalho e os obstáculos diários são uma realidade compartilhada, conforme demonstrado pelo *enquadramento intersecções* na análise das falas das líderes do PL Mulher. Neste sentido, a violência política transcende fronteiras partidárias e afeta mulheres em todos os níveis da vida pública, incluindo agressões verbais, psicológicas e até ameaças físicas.

E nós queremos falar para vocês: não desistam, porque o mesmo problema que vocês vão passar na Bahia é o mesmo problema a nível nacional. A diferença é que Robertinha vai cuidar da Bahia, dos problemas da Bahia, as nossas municipais do seu município, e eu vou cuidar de todo o Brasil, é. **Então, o problema é copia e cola** (Michele Bolsonaro, Encontro Nacional PL Mulher Bahia, grifos nossos).

No entanto, há uma diferença de abordagem na forma de enfrentar esses desafios. Entre mulheres conservadoras, como as do Partido Liberal, a superação é frequentemente buscada por meio de apoio mútuo e da fé. Michele Bolsonaro enfatizou, durante o evento na Bahia, a importância da união entre as mulheres de diferentes regiões do Brasil e reforçou que, apesar das dificuldades compartilhadas, o apoio e o cuidado com as necessidades de cada localidade são fundamentais para vencer as barreiras políticas. Esse enfoque em redes de apoio e em uma visão espiritual reflete uma perspectiva em que a luta é fortalecida pela união e pela confiança mútua, oferecendo um caminho de resiliência e de superação alinhado aos valores conservadores que sustentam essas lideranças, particularmente aquelas de ideologias conservadoras. Elas acreditam que, cuidando umas das outras e fortalecendo sua fé, podem transcender as barreiras e adversidades que enfrentam.

7 Masterframe participação política feminina

Enquadramento do propósito

“Mulheres sábias edificam uma nação” (*Slogan PL Mulher*).

A necessidade de mulheres na política partidária e institucional, o seu objetivo e sua importância foram justificadas, nos encontros analisados, através da imagem da mulher conservadora e cristã que teria um olhar diferenciado, em comparação a demais mulheres e homens, para os problemas cotidianos da vida e assim seria capaz de “restaurar o Brasil no caminho de Deus”, protegendo as crianças e as famílias. A escolha pelo nome do enquadramento veio justamente de um trocadilho com o material empírico. É constante nas falas das lideranças do movimento a ideia de que as mulheres de direita teriam um propósito com Deus ao entrar na política. Elas afirmam que “não é por cota, é por propósito”.

Nesse sentido, também são frequentes termos religiosos como: “justificado pela Bíblia”, “segundo a Bíblia”, “vontade de Deus” e a noção de vocação. Ou seja, o PL Mulher reconhece que a participação política feminina é importante e, também, que não há uma unidade no grupo mulher, elas são plurais, e por isso são os/as conservadores/as que devem entrar na vida política. A escolha das palavras também sugere que não são quaisquer cristãs, mas as evangélicas, que compartilham desta gramática em seus cultos religiosos.

Essa mulher é um instrumento de Deus para abençoar outras mulheres. E é isso que nós queremos, presidente Soraia, influenciar mulheres de bem para que as mulheres entendam que a política, ela é, sim, uma ferramenta de transformação, e que toda a nossa vida passa pelo congresso. Assim como Jair sempre fala, a população precisa entender que até o botijão de gás passa pelo congresso. Só assim, eles vão aprender a votar (Michelle Bolsonaro, PL Mulher – Rio de Janeiro, 2024).

Dessa maneira, a participação feminina na política institucional parece ser enquadrada a partir de um entendimento ampliado do que é política, em que as coisas mais básicas do dia a dia, como o preço do gás, são reforçadas como problemas políticos. Seguindo essa linha de raciocínio, por serem as responsáveis por essas minúcias diárias, as mulheres entenderiam as dificuldades da vida e, por

isso, deveriam seguir o propósito de Deus de entrar na vida política partidária e institucional para “transformar a dor em pauta”. Esse *slogan* é repetido diversas vezes por Michelle Bolsonaro. O diferencial delas seria a capacidade de transformar um sofrimento, uma dificuldade, em uma luta e, posteriormente, em políticas públicas. Algo diferente da política feita por homens em que apenas o poder pelo poder é almejado.

Logo, o cuidado é central para a construção do raciocínio. Por serem mães, elas seriam melhores propositoras de políticas públicas e melhores administradoras. São elas as verdadeiras capazes de promover políticas que protejam as famílias e as crianças. A associação da mulher ao cuidado na vida política não é uma novidade dos movimentos conservadores e há muito tempo é criticada pelas teorias e movimentos feministas. Ao essencializar o papel feminino, sugerindo que as mulheres são naturalmente inclinadas a certos comportamentos ou responsabilidades, especialmente ligadas ao cuidado, são reforçados estereótipos de gênero que limitam a percepção das capacidades das mulheres, restringindo-as a papéis específicos.

No entanto, há uma justificação religiosa que merece atenção. Para as lideranças políticas do PL Mulher, foi Deus quem deu o olhar diferenciado às mulheres, sendo da sua vontade que elas sejam um instrumento para a transformação do mundo através da política. Assim como Maria, as mulheres teriam uma missão confiada por Deus. Por isso, elas não estão competindo com os homens, estão apenas lutando por algo que é natural a elas, em complementaridade a seus companheiros.

Diga ‘sim’ para o dom que Deus te deu de cuidar. Esse dom que Deus colocou em nós por sermos mães. Esse dom que nós sabemos que Deus, quando colocou em nós, mulheres, colocou a empatia, a resiliência, a garra, a força, o amor e o dom de nos colocar no lugar do outro. É um dom visceral porque nós temos esse amor visceral pelos nossos filhos. E a política precisa cada vez mais de mulheres, porque a mulher, ela tem um olhar especial para as causas, a maioria das mulheres, ela transforma a sua dor em uma pauta (Michelle Bolsonaro, PL Mulher – Pará, 2023).

É inclusive Deus que dá força para serem enfrentadas as dificuldades e desafios ao entrar na vida política, como veremos a seguir. Além disso, essa linha de raciocínio, construída pelo PL Mulher, é interessante porque apresenta um contraponto a muitas abordagens que defendem como os novos movimentos de direita negam, discursivamente, a política. No caso da participação política de mulheres, a política é reivindicada em uma dimensão cotidiana, muito diferente dos discursos neoliberais, proferidos por uma maioria masculina, adotados na maioria desses movimentos.

Enquadramento da dificuldade

Alguns veículos de desinformação postaram: ‘Michelle faz pacto com Deus para estar no poder’. [...] Esses filhos adotivos do pai da mentira e dizer para vocês, eu chorei muito, eu tive depressão em 2019, eu pensei em morrer por tantos ataques que eu sofria da mídia e eu cheguei só querendo fazer o bem como muitos aqui, né? Fazem o bem e sofrem. Eu cheguei aqui só para fazer o bem. Infelizmente, eles atiravam pedradas, falavam mal das minhas filhas, chegaram a falar mal da minha filha que estava completando as vésperas de completar 12 anos. Uma jornalista usou uma palavra de baixo calão com a minha filha. Isso entristece o coração de cada mãe, mas eu quero dizer para vocês que, hoje, eu sou a mulher que eu sou... eu me tornei a mulher forte que eu sou graças a pedrada de todos vocês. E hoje eu tenho até que agradecer, porque se eu não tivesse passado por todas essas dificuldades, hoje, eu não

estaria ali lutando fielmente com unhas e dentes pelo que eu acredito, pelo que eu quero fazer pelo meu Brasil" (Michelle Bolsonaro, Encontro Estadual do PL Mulher no Distrito Federal, 2023).

Dentre as dificuldades, um ponto forte mencionado por tais mulheres é que suas saúdes mentais são comprometidas ao entrar na política, caracterizada por um ambiente de violência. A violência política, que atinge seus filhos, de acordo com elas, é uma expressão de um plano espiritual, em que as mulheres são alvos de mentiras, ataques, perseguições e de "pedradas". Para elas, o grande causador desse problema é o pai da mentira, o Diabo, que usa pessoas e a mídia contra essas mulheres.

Além disso, há a falta de conhecimento necessário para adentrar na política. Também há a falta de financiamento das candidaturas femininas, bem como a insegurança em relação à garantia de votos no período eleitoral. Essas mulheres declaram enfrentar uma tripla jornada, nas quais cuidam de outras famílias além daquelas que são pertencentes. Apesar de querer resolver todos os problemas na política, para elas, a burocracia é vista como algo que as impede de agir efetivamente.

Para além da burocracia, outro obstáculo mencionado diz respeito à corrupção. É afirmado que, nos últimos anos, liderados pelo governo do PT, a construção política foi interrompida. Uma das interrupções foi a falta de atenção às pessoas com doenças raras e à comunidade surda. Há, também, dificuldades práticas mencionadas, como sacrifícios espirituais feitos em prol de um propósito, como jejuns e orações. Todas essas dificuldades, que são muitas, são vistas como motivos para tais mulheres não desistirem além de mostrar que são mulheres fortes e escolhidas por Deus para uma missão.

15

Enquadramento dos caminhos

Filie-se o PL, o PL é o partido das mulheres (Michelle Bolsonaro, Encontro Estadual do PL Mulher no Rio de Janeiro - 2023).

Identificada a necessidade de mais mulheres na política partidária e os desafios enfrentados por elas, o PL Mulher também apresenta quais são os caminhos, medidas e propostas para que as mulheres consigam ocupar cargos políticos. Se Deus teria um propósito para as mulheres na vida pública, o primeiro passo para garantir a representação delas é que elas se colocassem disponíveis e escutassem este chamado. Os caminhos apresentados se orientam por essa perspectiva fortemente religiosa e identificam o PL como o melhor partido para candidaturas femininas e também por uma centralidade da figura de Michelle Bolsonaro como inspiração. Medidas concretas, como cotas, representação intrapartidária, financiamento e recursos de campanhas foram pouco mencionadas.

Atentas ao pleito de 2024 e de 2026, as lideranças do PL Mulher ressaltam o desejo do partido em ocupar câmaras e prefeituras, destacando que as mulheres estão incluídas nesses planos e são importantes para isso. O primeiro passo seria a filiação ao partido, assim, a possível candidata estaria inserida em uma rede de fortalecimento, um sistema de apoio e cuidado, que daria as condições para a sua eleição. É interessante notar que há um reconhecimento da importância da estrutura partidária por parte destas lideranças, elas explicam como se organiza internamente o partido e suas

hierarquias. No entanto, não demandam por paridade de gênero nestas instâncias. Além disso, questões práticas como as responsabilidades com as atividades de reprodução da vida, tema que impacta nas possibilidades políticas das mulheres, são discutidas através da ideia de apoio. As mulheres conseguem passar por essas dificuldades, conciliar todas as atividades e se dedicar à política porque seus companheiros e suas famílias as apoiam. O partido não se responsabiliza ou sugere algo de concreto que as auxilie.

Uma medida divulgada foi a criação de um *workshop* a partir de aulas com lideranças políticas para capacitar as mulheres que estivessem interessadas em aprender sobre o processo eleitoral, desde a filiação até a prestação de contas das campanhas, além da oferta de uma equipe de acompanhamento antes e depois do período eleitoral e de amparo jurídico. No entanto, o funcionamento dessa medida não foi explicitado, como, por exemplo, a forma de participação, o período de realização e onde encontrar mais informações⁵. Outra medida de incentivo para participação feminina na política foi o projeto “Mulher que faz acontecer”. Trata-se de um programa de incentivo e divulgação de lideranças femininas que já estão desenvolvendo algo de relevante para suas comunidades. Em relação à cota, são poucas as menções a ela e quando acontecem, o raciocínio é de que o partido não está interessado em preenchê-las por preenchê-las, ele está buscando mais mulheres porque vê nelas um potencial diferente para uma política melhor.

Nós queremos estar com essas mulheres no antes, no meio e depois. Nós queremos capacitar as nossas candidatas. Nós queremos estar juntas com elas para que elas consigam se eleger. **A cota é importante, mas nós precisamos de mulheres com propósitos, mulheres com potencial, mulheres que têm o seu chamado, ali ó, pulsante em seu coração para fazer a diferença no seu bairro, para fazer a diferença no seu estado e para deixar um legado para o nosso Brasil.** Nós temos filhos, vamos ter netos. O que você tá fazendo de diferente para mudar a história da sua cidade? Para mudar a história do seu bairro? [...] (Michelle Bolsonaro no Encontro Estadual PL Mulher em Florianópolis - 2023).

Como mencionado anteriormente, outro elemento importante para a construção discursiva sobre como garantir que mais mulheres ocupem a política é a figura de Michelle Bolsonaro como uma fonte de inspiração. Quase todas as lideranças que tiveram fala nos encontros enaltecem a ex-primeira dama por sua força, dedicação aos seus valores e por sua luta. Michelle é o principal exemplo de uma mulher que ouviu o chamado de Deus e entrou na vida política partidária, mesmo que esse não tenha sido seu objetivo de vida desde sempre, ela abriu os caminhos para que outras mulheres conservadoras pudessem trilhar.

Michelle Bolsonaro foi para a rua levantar as mulheres desse país, nós saímos em caravana. Você tá levantando mulheres pelo Brasil, Michelle, você encarna esse lado, o lado da mulher que sabe que ela é alçada durante aquela caravana. Eu falava com ela, Michelle, você tem que assumir o PL Mulher e o Nacional. Você tem que sair plantando as sementes. Nós já fizemos a nossa parte, entramos num momento mais duro, a terra estava árida, os partidos não davam

⁵ Atualmente, há no site oficial um direcionamento para a plataforma “Academia da Direita”, mantida pela Academia Brasileira de Política Conservadora (ABPC) e vinculada ao Partido Liberal. A plataforma oferece cursos gratuitos de formação política, incluindo conteúdos específicos voltados para mulheres, com foco na participação no processo eleitoral e no fortalecimento de lideranças femininas conservadoras. No entanto, detalhes operacionais, como prazos e formas de inscrição, ainda não estão devidamente esclarecidos.

vazão ao movimento feminino. Mas hoje, com todas as ações, com a determinação de ter recurso para as mulheres para a política, com recurso obrigatório para as mulheres, tempo de televisão. **Nós precisamos de alguém que plante a boa semente, que a terra tá preparada a sua missão, não é só mais ser a voz da inclusão. A sua missão é levantar mulheres nesse país, mulheres com valores morais e éticos e a Michelle se comprometeu com isso. Que orgulho eu tenho de ver você elegendo Damares, elegendo Amália [Barros]** (Soraia Santos no Encontro Estadual do PL Mulher no Rio de Janeiro - 2023).

8 Considerações finais

O aumento do número de mulheres eleitas por partidos de extrema-direita insere uma série de desafios para pesquisadoras feministas interessadas no tema da representação política. Ainda que contribuam para o aumento da representação descritiva, essas parlamentares tensionam o tema da representação substantiva de gênero ao negarem o movimento feminista e a perspectiva de gênero ao mesmo tempo em que afirmam estar fazendo políticas para as mulheres e que ressignificam temas caros do feminismo. Definir o que compõe uma boa política para mulheres é uma tarefa espinhosa, visto que não há uma homogeneidade nos interesses e necessidades das mulheres. Mas isso não pode implicar em uma visão acrítica sobre o que legisladores e candidatas produzem. Com isso, o objetivo deste trabalho não era ditar o que define uma boa representação dos interesses das mulheres, mas analisar como nos encontros estaduais do PL Mulher como o tema da participação política feminina foi debatida e as contradições e desafios que este cenário traz para a agenda feminista.

Além disso, sabemos que a mobilização de elementos religiosos em discursos políticos não é uma novidade e nem uma exclusividade de partidos de direita, podendo inclusive assumir um tom emancipatório e progressista. No entanto, os discursos analisados reafirmam estereótipos de gênero que há muito tempo são problematizados pelas teorias e movimentos feministas, como a associação da mulher a uma feminilidade naturalmente mais inclinada ao cuidado. Os próprios exemplos bíblicos mobilizados cumprem essa função e apresentam mulheres que souberam ouvir o “chamado de Deus” e agir conforme sua vontade. Além das personagens bíblicas, a figura de Michelle Bolsonaro se configura como um dos principais símbolos de luta para estas mulheres. O compartilhamento da história de Michelle durante os encontros têm o poder de gerar identificação com as ouvintes, uma vez que ela relata todo o seu percurso de dificuldades materiais e espirituais, mas que as usa como combustível para a luta. A identificação também perpassa pela via da simplicidade, mostrando que Michelle é “gente como a gente”. Esses achados podem ser complementados por pesquisas futuras que analisam o que de fato essas mulheres fazem quando são eleitas e sobre as dificuldades que elas enfrentam, ou não, ao se tornarem candidatas pelo PL.

Por fim, consideramos importante ressaltar que a análise de enquadramento inspirada em princípios feministas se mostrou adequada para os objetivos da pesquisa. Ao aglutinar os elementos do método aos princípios da epistemologia feminista, temos o potencial de contribuir para pesquisas interessadas em temas sobre a agenda de gênero para além dos conteúdos jornalísticos, como foi inicialmente formulada.

Referências

- ÁLVARES, Cláudia. O “femonacionalismo” enquanto violação de categorias de identidade: a face renovada da extrema-direita Europeia. *Revista de Comunicação e Linguagens*, n. 51, p. 50-60, 2019.
- BABIRESKI, Flávia Roberta; EDUARDO, Maria Cecília; LORENCETTI, Mariana. As mulheres na direita: perfil das deputadas federais de direita no Brasil. *I Seminário Discente de Ciência Política da UFPR (Sdcp)*, p. 1-12, 2020.
- BALL, Terence; DAGGER, Richard; O'NEILL, Daniel I. Conservatism. In: BALL, Terence; DAGGER, Richard; O'NEILL, Daniel I. *Political ideologies and the democratic ideal*. New York: Routledge, 2020, p.111-147.
- BEALL, Victoria D.; BARNES, Tiffany D. *Mapping right-wing women's policy priorities in Latin America*. In: OCH, Malliga; SHAMES, Shauna; COOPERMAN, Rosalyn (org.). *Sell-Outs or warriors for change? A comparative look at conservative women in politics in democracies*. London; New York: Routledge, 2022. p. 36-65.
- BIROLI, Flávia. *Triumph of the women?* The female face of right-wing populism and extremism. Case study Brazil. Berlin: Friedrich-Ebert-Stiftung, Forum Politik und Gesellschaft, 2021. p. 1-14.
- BRANDÃO, Renata Ortiz. Feminine but not feminist: dispute of meaning in right-wing female parliamentarians discourse. *Fórum Linguístico*, v. 19, n. 4, p. 8518-8535, 2022.
- CAMPBELL, Rosie; CHILDS, Sarah. 'To the left, to the right' Representing conservative women's interests. *Party Politics*, v. 21, n. 4, p. 626-637, 2015.
- CASTRO, Leonardo Aires de. *Representação política de mulheres na Câmara Federal: processo representativo, instituições e populismo de direita*. 2022. 203 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.
- CELIS, Karen; CHILDS, Sarah. The substantive representation of women: What to do with conservative claims?. *Political Studies*, v. 60, n. 1, p. 213-225, 2012.
- CEPÊDA, Vera Alves. A nova direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, v. 23, n. 2, p. 40-74, 2018.
- DE MENDONÇA, Amanda André; MOURA, Fernanda. Mais empoderada que eu? Antifeminismo e desdemocratização no Brasil atual. *Communitas*, v. 5, n. 9, p. 9-23, 2021.
- DE PINHO, Tassia Rabelo de. As mulheres dirigentes do partido dos trabalhadores: perfil e desafios à representação substantiva. *Em tese*, v. 13, n. 1, p. 65-93, 2016.
- MAIA, Rousiley Celi Moreira. Videopolítica e similares. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (org.). *Comunicação e Política: conceitos e abordagens*. Salvador: UFBA, 2004, p. 547-573.
- MARTINS, Joyce Miranda Leão; ALVES, Mercia Alves; CHICARINO, Tathiana. Candidatas para o Brasil de Bolsonaro: as porta-vozes da direita na política digital. *Revista de Ciencia Política*, v. 59, n. 2, p. 121-142, 2021.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, p. 187-201, 2012.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. Frame analysis. In: ERCAN, S.; ASENBAUM, H.; CURATO, N.; MENDONÇA, Ricardo Fabrino (org.). *Research methods in deliberative democracy*. Oxford: Oxford University Press, 2022, v. 1, p. 345-355.

PARTIDO LIBERAL – PL MULHER. *Partido Liberal celebra crescimento de 370% no número de filiadas em 2023 sob a liderança de Michelle Bolsonaro*. Brasília, 2 fev. 2024. Disponível em: <<https://plmulher.org.br/2024/02/02/partido-liberal-celebra-crescimento-de-370-no-numero-de-filiadas-em-2023-sob-a-lideranca-de-michelle-bolsonaro/>>. Acesso em: 8 out. 2025.

REZENDE, Daniela Leandro; BARRETO, Brenda Rodrigues. Gênero e partidos políticos: uma análise exploratória de comissões executivas e suas implicações para a representação política de mulheres. *11 Encontro da ABCP*, 2018, Curitiba. Anais, 2018. v. 1.

REZENDE, Daniela; SARMENTO, Rayza; TAVARES, Louise. Mulheres nos partidos políticos brasileiros: uma análise de estatutos partidários e sites eletrônicos. *Revista Debates*, v. 14, n. 3, p. 43-69, 2020.

SAMPAIO, Rafael Cardoso et al. A produção de artigos e papers apresentados em eventos acadêmicos brasileiros sobre o YouTube na área de Internet & Política entre 2005 e 2019. *E-Compós*. 2021. DOI: 10.30962/EC.2256.

SARMENTO, Rayza. Análise de enquadramento e epistemologia feminista: discutindo implicações metodológicas. *Revista Teoria & Pesquisa*, v. 28, n. 3, p. 97-117, 2019.

SARMENTO, Rayza; ELIAS, Maria Ligia G. G. Rodrigues; MARQUES, Gabrielle. A comunicação digital e as pautas das deputadas brasileiras “de direita” no Instagram. *Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política*, v. 20, n. 1, p. 59-83, 2023.

SOLANO, Esther; ROCHA, Camila; SENDRETTI, Lilian. Mulheres de extrema-direita: empoderamento feminino e valorização moral da mulher. *Caderno CRH*, v. 36, p. e023040, 2023. DOI: 10.9771/ccrh.v36i0.55443

WINEINGER, Catherine; NUGENT, Mary K. Framing identity politics: right-wing women as strategic party actors in the UK and US. *Journal of Women, Politics & Policy*, v. 41, n. 1, p. 91-118, 2020. DOI: 10.1080/1554477X.2020.1698214.

Artigo recebido em: 30/04/2025.

Aprovado em: 19/09/2025.

Gabrielle Marques (marques.gaabrielle@gmail.com) é Doutoranda em Ciência Política pela UFMG. Pesquisadora nos grupos Margem e GCODES, pesquisa representação política de mulheres de direita ou conservadoras, cuidado, relação entre Estado e família e imagens.

Nicole Brito de Sena (nicolebritodesena@gmail.com) é Doutoranda em Ciência Política pela UnB. Como pesquisadora, investiga a atuação de mulheres de direita e neoconservadoras nas assembleias legislativas estaduais, com foco nas disputas em torno das agendas de gênero, comunicação política e alinhamentos institucionais.

Brenda Rodrigues Barreto (brendabarreto6@gmail.com) é Doutoranda em Ciência Política pela UnB. Pesquisadora nos grupos de estudos Flora Tristan e Carreiras LGBTI+, investiga a representação política de mulheres, as estruturas partidárias e as dinâmicas de gênero e poder na política brasileira.

**Representação política feminina e conservadorismo:
um estudo de caso do movimento PL mulher**

Resumo. Contemporaneamente, um novo fenômeno vem chamando a atenção de algumas pesquisadoras: o aumento do número de parlamentares eleitas por partidos de direita. Diante disso, nosso objetivo é analisar a construção discursiva relacionada à importância da representação feminina na política institucional do Partido Liberal a partir do movimento PL Mulher. A pesquisa será realizada a partir de uma perspectiva teórica política feminista, por meio da metodologia de análise de enquadramento, a fim de compreender quais os quadros de sentidos apresentados pelo partido para justificar em seus encontros estaduais para incentivar a participação política das mulheres. Presidido por Michelle Bolsonaro, ex-primeira dama do Brasil e esposa de Jair Messias Bolsonaro, o PL Mulher, apresenta uma construção discursiva em que mobiliza pautas de gênero, mas nega o movimento feminista, esvaziando suas pautas de sentido.

Palavras-chave: Representação política feminina; Mulheres de direita; PL Mulher; Conservadorismo; Análise de enquadramento

**Female political representation and conservatism:
a case study of the PL Mulher movement**

Abstract. In recent years, a new phenomenon has drawn the attention of some researchers: the increase in the number of right-wing female parliamentarians. In this context, this study aims to analyze the discursive construction of the Liberal Party's Women's Division regarding the importance of female representation in institutional politics. The research will be conducted from a feminist political theoretical perspective, employing the methodology of frame analysis to understand the frames of meaning presented by the party during its state meetings to encourage women's political participation. Under the leadership of Michelle Bolsonaro, former First Lady of Brazil and wife of Jair Messias Bolsonaro, the Liberal Party's Women's Division presents a discursive construction that engages with gender issues while rejecting the feminist movement, thereby emptying these issues of their original meaning.

Keywords: Female political representation; Right-wing women; PL Mulher; Conservatism; Frame analysis